





# Reconexão com o Sagrado

A Reconexão com o Sagrado, propõe um despertar de uma Nova Consciência entre seus participantes. Esta nova percepção enfatiza a relevância fundamental da matéria, reconhecendo-a como o veículo primordial onde transformações e transmutações ocorrem, não apenas no plano físico, mas também nos âmbitos mental e emocional. Nesta visão, o espírito serve como um meio de locomoção para a ascensão da matéria.

Dentro da Egregora, os Guias da Umbanda – que se manifestam através das figuras de Caboclos, Guerreiros, Índios, Pretos Velhos, Pais e Mães Velhas, além do Grupo da Proteção, Exú e Pombagiras – são compreendidos como energias vitais. Estas energias têm estado presentes na consciência dos médiuns ao longo de muitas vidas. Eles não são parte dos antepassados diretos, mas mantêm uma conexão profunda com os ancestrais.

Para compreender completamente este ensinamento, é essencial reconhecer que tudo é energia. Esta energia, imutável em sua essência, não pode ser criada ou destruída, mas apenas transformada em diferentes formas. É sugerido que se imagine a própria consciência em um passado remoto, manipulando o poder curativo das ervas. Naquele momento, energias desconhecidas foram acopladas à consciência, e com o tempo, essas energias assumiram formas diversas na imaginação humana: um mago, um benzedor, um feiticeiro, entre outros. Nestes encontros quinzenais, entenderá que tudo o que é acoplado ao campo vibracional de um indivíduo é parte integrante de seu passado. Como a mente não pode criar nada além do que já existe, os ensinamentos destes Encontros focam em trabalhar com a consciência para redescobrir e relembrar essas

experiências passadas, integrando-as no presente para um crescimento espiritual e material mais pleno.

Um conceito central da Egrégora, ensina que o mundo natural é uma extensão intrínseca de tudo que existe no Universo, incluindo o corpo humano. Esta crença estabelece uma conexão profunda com os quatro elementos fundamentais – terra, água, ar e fogo – que são vistos como criações divinas presentes tanto no corpo espiritual da Terra quanto em tudo que existe.

Neste contexto, a Egrégora Cria ti na Luz advoga por uma abordagem mais ecológica da religião, enfatizando a importância da preservação e do respeito pela força intrínseca da terra, da água, do ar e do fogo. Esta visão ecológica não é apenas uma forma de viver em harmonia com o meio ambiente, mas também um

um reconhecimento da interconexão entre o espiritual e o natural, onde cada elemento da natureza é visto como uma manifestação sagrada da energia divina. Dessa forma, a Umbanda, através da Egrégora Criatina Luz, busca instigar seus seguidores uma consciência ambiental, onde a proteção e o cuidado com a natureza são aspectos fundamentais da prática espiritual. Ao entender e honrar os elementos como partes sagradas da criação divina, os praticantes são levados a uma maior compreensão de seu próprio lugar no universo e da importância de suas ações para a preservação do equilíbrio natural.



Este assunto não será uma obrigação direta para a Reconexão do Sagrado, porque poderá usar incensos para substituir velas, mas é necessário conhecer como usamos as velas na Egrégora:

As cores das velas são utilizadas como uma representação simbólica dos Orixás, cada uma carregando um significado profundo e uma conexão com os aspectos divinos destas entidades.

A vela branca é associada a Oxalá, simbolizando a ideia de que todo médium aspira viver na luz, no claro, no perfeito e no puro. Esta cor reflete a busca pela pureza espiritual e pela conexão com a divindade.

O poder do Sol, elemento que irradia incessantemente na escuridão do Universo, é representado pela vela laranja, associada a Ogum. Esta cor simboliza a capacidade de iluminar as trevas,

representando a força e a energia vital que emanam deste Orixá guerreiro.

Já a vela azul claro representa Oxóssi, simbolizando o sol que ilumina o céu. Esta cor reflete o processo de volatilização, onde o que está na luz é fixado na Terra, simbolizando a caça, a busca pelo conhecimento e a provisão.

Xangô é representado pela vela verde, simbolizando o equilíbrio entre a escuridão e a luz, entre o material e o espiritual. Esta cor reflete a justiça e o equilíbrio, aspectos essenciais da natureza deste Orixá.

A vela amarela representa Oxum e Yemanjá, simbolizando o ouro da Terra. Esta cor reflete a riqueza e a fertilidade, sugerindo que o médium é um tesouro do planeta, uma riqueza a ser lapidada e transformada no bem mais precioso.

Por fim, a vela lilás é associada a Nanã, representando a necessidade de moldar e transformar. Esta cor é vista como uma mistura do branco de Oxalá, do azul de Oxóssi e do vermelho, que está ligado a Iansã.

Iansã, conhecida por quebrar paradigmas e conceitos, é representada na cor vermelha. A cor lilás simboliza a transformação, a alquimia espiritual, e a capacidade de moldar o novo.

Desta forma, as cores das velas na Umbanda não são meros adornos, mas poderosos símbolos que representam as energias e os ensinamentos dos Orixás, servindo como ferramentas para a conexão espiritual e o desenvolvimento dos médiuns.

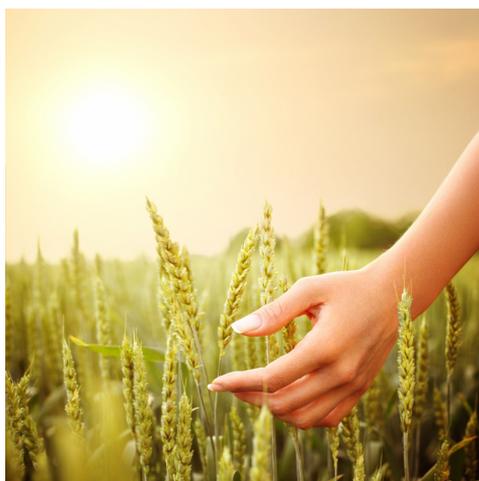
A Nossa Umbanda, em sua busca por uma abordagem mais ecológica e sustentável, adota práticas que respeitam e honram o meio ambiente. Uma dessas práticas é a utilização de guias feitas de sementes ou cristais, em vez de materiais que possam causar impacto ambiental negativo.

As guias de sementes representam um elo com a natureza e o ciclo da vida.

Sementes, sendo a origem de toda a vida vegetal, simbolizam crescimento, potencial e a conexão com as forças da Terra. As guias naturais, realçam a importância da preservação e do respeito pela natureza, além de reafirmar a crença na renovação contínua e no potencial de crescimento espiritual.

Por outro lado, as guias feitas com cristais são utilizadas devido às suas propriedades energéticas e espirituais. Cada cristal possui uma vibração única e é acreditado que eles podem ajudar na canalização de energias, na cura e na proteção espiritual.

A escolha de cristais reflete a compreensão de que tudo no universo é interconectado através da energia, e que estes elementos naturais podem ser poderosos aliados na jornada espiritual. Essa prática reflete o compromisso da Egrégora com o respeito ao meio ambiente e a sustentabilidade, integrando a consciência ecológica em seus rituais e práticas espirituais. Ao escolher materiais naturais e sustentáveis para as guias, a escola não apenas preserva a tradição espiritual da Umbanda, mas também alinha suas práticas com os princípios de harmonia e equilíbrio com a natureza.



Por exemplo, na Escola Iniciática, apresenta uma peculiaridade notável: a ausência de um altar físico, de tronqueiras ou de imagens sacras. Em vez disso, a escola enfatiza a outorga espiritual concedida aos médiuns para abrir portais invisíveis a olho nu. Esses portais, embora não perceptíveis fisicamente, possuem uma grandeza energética inegável, perceptível através da vibração sentida pelos médiuns.

Esta abordagem simboliza uma compreensão mais profunda e metafísica do sagrado, onde o foco não está nos objetos físicos ou na materialidade dos símbolos religiosos, mas sim na conexão espiritual e energética. Acredita-se que os médiuns, através de sua sensibilidade e treinamento, são capazes de acessar e interagir com dimensões espirituais e energias sutis, que transcendem a necessidade de representações materiais.

Essa prática reflete um aspecto central da filosofia da Egrégora: a crença de que o verdadeiro poder e conexão espiritual residem dentro do indivíduo, e não em objetos externos. Ao invés de se concentrar em elementos físicos como um altar ou imagens, a Egrégora ensina seus médiuns a desenvolverem a habilidade de sentir e manipular energias espirituais, abrindo portais para dimensões mais elevadas de consciência e percepção. Dessa forma, a Reconexão com o Sagrado irá proporcionar um caminho único para o desenvolvimento espiritual, onde a ênfase é colocada na experiência interna e na capacidade do médium de conectar-se com o Sagrado através de sua própria energia e consciência, marcando uma abordagem distintamente íntima e pessoal ao Divino.

FIM